

Carros são drogas?

[Richard Risemberg](#)

Publicado originalmente em: <http://www.living-room.org/bikepeople/cardrug.htm>
(setembro 1997)



Tradução para o português, edição e fotomontagem por Denir Mendes Miranda
Para a ONG Transporte Ativo – <http://www.ta.org.br> - dezembro de 2005

Que coisa é esta que transforma uma pessoa comum em tão fanático defensor dos automóveis? É o óbvio bom senso de consagrar 25% de sua renda para comprar, manter, abastecer e fazer o seguro de um carro? É a conveniência de gastar longas horas de sua vida sentadas no trânsito indo para ou vindo do trabalho, da praia, da loja? É o prazer de ver céus cinzentos sobre paisagens de concreto frio e asfalto trincado, emporcalhado com embalagens de *fast-food*?

Recentemente a polícia local montou uma operação-surpresa onde um oficial à paisana pisaria em uma faixa de pedestres e tentaria cruzar uma rua famosa pelos atropelamentos de pedestres. Quando um carro roçava o oficial, obrigando-o a recuar, um guarda de motocicleta aparecia de repente e registrava a multa. Os motoristas ficaram indignados por estarem sendo multados por um delito tão pequeno. Mais significativa era a desculpa que eles invariavelmente deram, muito familiar aos ciclistas e motociclistas em toda parte: "eu não o vi". Esta afirmação era repetida como uma desculpa válida mesmo após um passageiro em um carro dizer: "eu vi o pedestre a uma quadra atrás."

Penso que o motorista não quis ver o pedestre. Acho que não quis ser incomodado por um detalhe tão menor. Porque isto ia distraí-lo do valor essencial de dirigir, que é a monotonia. O motorista estava chapado pelo tédio.

NÓS SABEMOS O QUE QUEREMOS: NÓS QUEREMOS O QUE SABEMOS

Alguém - cujo nome esqueci - fez certa vez uma analogia entre o uso de drogas e a TV. Ele disse que ambas têm em comum estes pontos: dão um prazer genérico; não requerem nenhum envolvimento ativo pelo participante; e são previsíveis. Você pode fazer uso delas sabendo o que esperar e que nunca haverá algo novo para interpretar. Ora, quando eu era mais jovem, a maioria de meus colegas usaram marijuana, e alguns deles fizeram disto um sacramento. Já se passou um quarto de século, e eu os tenho visto, como naqueles anos, sentados anestesiados em frente à telinha, com o cachimbo e a trouxinha na mesa lateral e o saco de batatas-fritas no chão, seus olhos refletindo a luz azul tremeluzente de algum canal a cabo 24 horas. A comida, genérica: gordura, sal e amido; a cultura, genérica: outro show clichê, ou um filme copiado de um outro filme; a sensação, genérica: um prazer sem sentido implantado quimicamente no cérebro, desconectado de qualquer coisa do mundo exterior, qualquer coisa que de fato aconteça. Eu acredito que a analogia faz algum sentido. E acho que a sensação de dirigir tem algo em comum com este anestesiamento.

A maioria das pessoas que dirigem, dirigem seus próprios carros. O interior de seu carro é sempre o mesmo. Na verdade, com poucas variações, o interior da maioria dos carros é quase o mesmo. A roda, o banco, o vidro curvado, as colunas do teto. Não importa o que está do lado de fora de seu pára-brisa, dentro dele é sempre o mesmo, o mesmo.... Hoje em dia, o condicionador de ar está geralmente ligado, ou o aquecedor: dispositivos cujo som contínuo, baixo e suave encobrem qualquer pequeno ruído de vida que possa penetrar o vidro e o aço, e desfiguram o clima a um padrão arbitrário que é sempre o mesmo, o mesmo.... Talvez o rádio esteja ligado, tocando o último sucesso forjado para sua tribo, em alta rotação, a mesma batida, os mesmos temas, a mesma canção, a mesma, o mesmo.... O que quer que esteja acontecendo lá fora, dentro do carro¹ é o mesmo.... O carro move-se através do mundo, o motorista permanece no mesmo assento por horas. Entorpecido. Nada faz para evitar bater no que estiver na frente do carro. E à frente do carro, o motorista...



Fotomontagem: DMM

¹ [nota ed.:] No Brasil, o uso de películas nos vidros é mais outra barreira colocada entre o mundo exterior e o interior do automóvel.

Não é nenhum erro – eu acho – ver que o crescimento desordenado das cidades que o automóvel facilitou tem como sua qualidade essencial a mesmice: os "viajantes" que saem de seus carros querem encontrar o mesmo Denny's, o mesmo Holiday Inn, a mesma AM-PM, que encontrariam quando voltar para casa. Nos *shoppings* querem o mesmo Taco Bell, a mesma Seven-Eleven, os mesmos vídeos na locadora de vídeo. À noite, a mesma bebida no mesmo ambiente de vinil vermelho. A rodovia² parece a mesma em toda parte. As 4 pistas² largas e amplas parecem as mesmas em toda parte. Canaletas de asfalto³ liso, as faixas pintadas, o carro adiante, o mesmo, os mesmos.... É mais fácil dessa maneira.

[nota trad.:] Denny's, Holiday Inn, AM-PM, Taco Bell, Seven Eleven são grandes redes de lanchonetes, hotéis e lojas de conveniência norte-americanas.

O Sonho Americano. A casa pequena no quarteirão, espremida entre outras duas casas pequenas. O condicionador de ar, os dois carros na garagem. Dirigir para o trabalho, onde você faz a mesma coisa todo dia. Dirigir para casa onde você vê os mesmos programas na tevê toda noite. Suas crianças são nervosas e você não sabe porque. Na escola são ensinados a sentarem-se imóveis e fingir escutar. Odeiam isto. Aprenderão a fazer, entretanto. Você aprendeu. Nos fins de semana, nada para fazer. Assistir mais tevê. Isso é seguro. Dar uma volta de carro. Onde? McDonald's? Certo, vamos lá. Distantes paisagens no pára-brisa. Sim, deve estar calor naquelas colinas. Que que você quer? BigMac outra vez? O rádio, o som dos ventiladores, a tela de vidro curvada.... O americano viajando.

SOMENTE SOB PRESCRIÇÃO

Talvez os carros devessem estar à disposição somente sob prescrição médica, para aqueles que necessitam realmente deles. Talvez a vida fosse mais rica se nós víssemos o mundo em detalhes, se a grama ao lado da via fosse algo mais do que um borrão verde, se o homem na calçada fosse um vizinho e não um obstáculo para o carro em movimento. Que há de bom na mobilidade que nós obtivemos com os carros? Agora moramos mais distante do trabalho e gastamos muito mais tempo para chegar do que no tempo das bicicletas e bondes, e viajamos sozinhos e isolados do próximo e do planeta. Não ganhamos nada estruturando nosso mundo em torno do carro. O trabalhador que poderia andar para o escritório em vinte minutos alguns anos atrás, agora gasta uma hora dirigindo, e perde a companhia, na calçada ou no metrô, dos colegas de trabalho. A dona de casa que outro dia daria uma volta na esquina para comprar o pão e a alface, agora dirige ao longo de um tapete de asfalto³ deslumbrante para um supermercado, onde os tomates são caros e sem gosto e o pão é uma esponja murcha.

Mesmo a mobilidade trazida pelo carro é uma ilusão, sustentada por decisão de companhias de petróleo e fundamentalistas árabes, e pago pela vizinhança que nós desprezamos, pelos encantos perdidos dos sotaques e excentricidades em cidades diferentes, pela riqueza rejeitada de uma vida onde cada um de nós fez, tempos atrás, de um canto do mundo nosso próprio mundo, em vez de comprar uma cópia dele nas prateleiras. Por que ir a algum lugar se, no final, todo lugar se parece o mesmo? Como o viciado, nós rejeitamos os detalhes reais de nossa vida por uma sensação intensa mas sem sentido. Já é tempo de pararmos.

UMA ETAPA PEQUENA

Volte à vida. Apenas por hoje, não dirija. Ande até o correio, vá de bicicleta ao trabalho. Ainda existe perfume de flores misturado nesta fumaça de gasolina. Aquelas sombras que aguardam na faixa de pedestre ainda têm rostos, almas, uma história. São seu rosto, sua alma, sua história. Nós temos nos ignorado uns aos outros e ao planeta Terra por muito tempo. Não se pode perder tempo. Em breve você estará morto. Quando você se encontrar em seu leito de morte, gostaria de passar só mais algumas horas aprisionado no trânsito?



² [nota trad.:] no original: *Interstate e freeway*; construções viárias típicas dos EUA

³ [nota trad.:] no original: *concrete* = concreto, capeamento não muito comum no Brasil

Texto em inglês, publicado em:

<http://www.living-room.org/bikepeople/cardrug.htm>

Are Cars A Drug?

by Richard Risemberg (September 1997)

What is it that makes the average person such a rabid defender of automobilism? Is it the obvious good sense of devoting a quarter of your income to buying, maintaining, fueling, and insuring a car? Is it the convenience of spending long hours of your life sitting in traffic on the way to or from work, the beach, the store? Is it the pleasure of gray-brown skies over vistas of bleak concrete and cracked asphalt littered with fast-food wrappers?

Recently a local police department ran a sting operation where a plainclothes officer would step into a crosswalk and try to cross a street notorious for flattened pedestrians. When the officer was brushed back by a car, a motorcycle cop would zip out and write a ticket. Drivers were indignant that they would be fined for such a minor offense. Most telling was the excuse they invariably gave, one that will be familiar to bicyclists and motorcyclists everywhere: "I didn't see him." This was repeated as a valid excuse even after a passenger in one car said, "I did see him, from a block away."

I think the driver didn't want to see the pedestrian. I think he didn't want to be bothered by such a minor detail. Because it would distract him from the essential value of driving, which is monotony. He was stoned on boredom.

We Know What We Want: We Want What We Know

Someone whose name I have forgotten once drew an analogy between the drug experience and TV. He said they had in common these things: that they provided a generic pleasure, that they required no active involvement by the participant, and that they were predictable. You could go into them knowing what to expect, and knowing that there would never be anything new to interpret. Now, when I was younger, most of my peers used marijuana, and some of them made a sacrament of it. It's been a quarter-century now, and I have seen their like in later years, sitting stoned before the tube with the bong and the stash on the side table and the bag of chips on the floor, their eyes reflecting the blue flutter of some all-night cable channel. The food, generic: grease, salt, and starch; the culture, generic: another formula show, another movie copied from another movie; the sensation, generic: a meaningless pleasure imposed chemically on the brain, disconnected to anything outside, anything that actually happens. I believe the analogy has some point. I think the driving experience has something in common with it too.

Most people who drive, drive their own cars. The inside of your car is always the same. In fact, with few variations, the insides of most cars are close to the same. The wheel, the seat, the curved glass, the roof posts. No matter what is going on outside your windshield, inside it is always the same, the same.... Nowadays, the air conditioner is usually turned on, or the heater: softly-humming appliances that cover up what little sound of life might penetrate the glass and steel, that warp the weather to an arbitrary standard that is always the same, the same.... Perhaps the radio is on, playing the latest hit that has been assigned to your demographic group, in heavy rotation, the same beat, the same themes, the same song, the same, the same.... Whatever is happening outside, inside it's the same.... The car moves through the world, the driver stays in the same seat for hours. Lulled. Nothing to do but keep from running into the car ahead. And in the car ahead, the driver....

It is no mistake, I think, that the sprawl the automobile has facilitated has as its essential quality, sameness: "travelers" coming out of their cars want to find the same Denny's, the same Holiday Inn, the same AM-PM, that they would find back home. In the strip malls they want the same Taco Bell, the same Seven-Eleven, the same videos in the video store. At night the same drinks in the same red vinyl ambience. The Interstate looks the same everywhere. The freeway looks the same everywhere. Flat concrete channels, the lane stripes, the car ahead, the same, the same.... It's easier that way.

The American Dream. The little house in the subdivision, stuck between two other little houses. The air conditioner, the two cars in the garage. The drive to work where you do the same thing every day. The drive home where you see the same TV shows every night. Your children are nervous and you don't know why. In school they're taught to sit still and pretend to listen. They hate it. They'll learn to do it though. You did. On the weekends there's nothing to do. Watch more TV. That's safe. Go for a drive. Where? McDonald's? Sure, let's go. Distant scenery in the windshield. Sure looks hot in those hills. Whaddaya want? Big Mac again? The radio, the sound of fans, the curved glass screen.... The American high.

Prescription Only

Maybe cars should be available only by a doctor's prescription, to those who really need them. Maybe life would be richer if we saw the world in detail, if the grass by the roadside were something more than a green blur, if the man on the sidewalk were a neighbor and not an interruption of momentum. What good is the mobility we've gained from cars? Now we live farther from work and spend longer getting there than in the days of bikes and trolleys, and we travel alone and isolated from each other and from the earth that bore us. We have gained nothing by structuring our world around the car. The worker who would have walked to the office in twenty minutes years ago now spends an hour driving in, and misses the company of fellow workers on the sidewalk or the tram. The homemaker who would have walked round the corner every other day for bread and lettuce now drives along a glaring concrete sheet to a supermarket where the tomatoes are expensive and tasteless and the bread is a limp sponge.

Even the mobility brought by the car is an illusion, sustained by grace of oil companies and Arab fundamentalists, and paid for by the neighborhoods we've thrown away, the lost charms of accents and eccentricities in different towns, the discarded richness of a life where each of us once made a corner of the world our own, rather than buying an image of it off the rack. Why go anywhere, after all, if everywhere looks the same? Like the addict, we have thrown away the actual details of our life for an intense but meaningless sensation. It is time we give it up.

One Small Step

Come back to life. Just for today, don't drive. Walk to the mailbox, bicycle to work. There is still the perfume of flowers mingled with that haze of gasoline. Those shadows waiting at the crosswalk still have faces, souls, a story. They are your face, your soul, your story. We have ignored each other and the earth too long. Time's a-wasting. You'll soon enough be dead. When you're lying on your deathbed, will you wish you'd spent just a few more hours stuck in traffic?